



MICHEL FOUCAULT E A HISTORIOGRAFIA CONSTRUCIONISTA

Dr. Daniel Barbo

danielbarbo@yahoo.com.br

Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais; Professor de História do Ensino Fundamental do *Espaço Escola*, Belo Horizonte, MG

Recebido em 30/11/11 – Aprovado em 26/12/11 – Publicado em 30/12/11

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo evidenciar a importância da obra **História da Sexualidade**, do filósofo Michel Foucault, como uma das bases teóricas mais importantes para a Historiografia Construcionista, a qual vem abordando desde a década de 1980, de forma inovadora no campo da História da Sexualidade, a erótica grega. Neste percurso, foi fundamental a análise da historicidade do conceito de sexualidade.

Palavras chave: Michel Foucault, Historiografia Construcionista, Sexualidade.

ABSTRACT:

This article aims to highlight the importance of the work **The History of Sexuality**, by the philosopher Michel Foucault, as one of the most important bases for the Constructionist Historiography, which is approaching from the 1980s, so innovative in the field of the History of Sexuality, the Greek erotica. In this way, it was fundamental the analysis of the historicity of the concept of sexuality.

Key-words: Michel Foucault, Constructionist Historiography, Sexuality.

A inovação teórico-metodológica fundamental postulada pela interpretação construcionista¹ no campo da História da Sexualidade, a qual rompe radicalmente com a interpretação que o historiador norte-americano David Halperin refuta e chama de essencialista (abordagem que postula essências humanas universais ou naturais na análise das expressões eróticas), expressa-se na afirmação de que a experiência sexual é uma construção cultural, isto é, em cada sociedade a experiência erótica é estruturada de uma forma muito específica e determinada. Consequentemente, “as identidades sexuais não são ‘dadas’ pela natureza, mas são produzidas e constituídas culturalmente”². Para essa interpretação, por conseguinte, experiências e formas de vida eróticas formam categorias socialmente determinadas e, logo, categorias históricas, e não categorias universais ou naturais, como afirmam os autores da posição chamada de essencialista³.

A distinção entre ‘sexo’ e ‘sexualidade’ subjaz e fundamenta essa inovação. Nessa perspectiva, sexo refere-se às capacidades erógenas e às funções genitais do corpo humano. Definido dessa forma, sexo é apenas um fato natural e, por conseguinte, objeto dos métodos da ciência natural, e não da ciência social. Portanto, sexo independe da história e da cultura, não podendo haver, dessa forma, uma ‘história do sexo’. Mas podemos escrever histórias da sexualidade, pois sexualidade, numa determinada acepção analisada mais adiante, refere-se à interpretação cultural das zonas erógenas e das

¹ Em 1990, foram publicadas três obras que inauguraram a abordagem construcionista na encruzilhada da História da Sexualidade e da História Cultural: **The constraints of desire: the anthropology of sex and gender in Ancient Greece**, de John J. Winkler, **One hundred years of homosexuality and other essays on greek love**, de David M. Halperin e **Before sexuality: the construction of erotic experience in the greek world**, editada por David M. Halperin, John J. Winkler e Froma I. Zeitlin. Essas obras foram compostas, em sua maior parte, por artigos escritos pelos respectivos autores (bem como outros, norte-americanos, franceses e ingleses no caso de **Before Sexuality**) ao longo da década de 1980.

² HALPERIN, *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*, p. 10.

³ Um autor muito criticado pela posição construcionista é, por exemplo, John Boswell. Ele diz que “se as categorias ‘homossexual/heterossexual’ (...) são invenções de sociedades particulares, em vez de aspectos reais da *psique* humana, não há história dos gays.” BOSWELL *apud* HALPERIN, *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*, p. 18. Afirmando exatamente o contrário do que afirmam os construcionistas, isto é, que as categorias ‘homossexual/heterossexual’ não são invenções de sociedades particulares, Boswell acredita na ‘naturalidade’ e ‘universalidade’ da homossexualidade. Deste autor, considerado aqui como pertencente à posição essencialista, ver: BOSWELL. *Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality: Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century*.

capacidades eróticas do corpo humano. As normas, as práticas, as próprias definições do que conta como atividade erótica e o que é valorizado ou não valorizado na atividade erótica variam significativamente de cultura para cultura ⁴.

A obra mais abrangente dos historiadores construcionistas possui um título deliberadamente provocativo: 'Before Sexuality', posto que já sinalize o seu engajamento com uma das teses do filósofo francês Michel Foucault ⁵. Os autores dessa abordagem, não obstante o legado da formulação contida na tradicional História da Sexualidade, tendem a considerar a categoria 'sexualidade', num argumento mais radical, uma construção especificamente moderna, que carrega consigo implicações que, transportadas para o mundo antigo por intérpretes desavisados, tendem a distorcer seriamente os significados das experiências eróticas desse mundo. Essa visão da categoria 'sexualidade' está associada, em particular, ao último trabalho de Foucault, a **História da Sexualidade**, o que torna o pensamento desse filósofo uma raiz importante na constituição da abordagem construcionista. Foucault é considerado por muitos dos autores dessa abordagem um dos mais brilhantes investigadores no campo da sexualidade, cujos *insights* a respeito das culturas antigas mostram-se imensamente estimulantes e profícuos⁶. Goldhill considera que a obra **Before Sexuality** seja:

[...] a primeira resposta ampliada dos classicistas ao projeto imensamente influente de Foucault, e é um prazer acolher uma coleção que no fundamental é bem sucedida em combinar aplicação precisa, inteligente e bem informada da erudição clássica com uma habilidade em interrogar e investigar questões gerais de história cultural com talento e sofisticação.⁷

⁴ HALPERIN; WINKLER; ZEITLIN, *Before sexuality: the construction of erotic experience in the Greek world*, Introduction, p. 3.

⁵ GOLDHILL, Reviewed work: *Before Sexuality: The construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World*, p. 159.

⁶ HALPERIN; WINKLER; ZEITLIN, *Before sexuality: the construction of erotic experience in the Greek world*, Introduction, p. 5.

⁷ GOLDHILL, Reviewed work: *Before Sexuality: The construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World*, p. 159.

Recorrentemente, salvo engano, o projeto de Foucault é reconhecido como pós-estruturalista. Ainda que o próprio filósofo pareça nunca ter feito tal associação, Reis bem o reconhece e denomina os avanços pós-estruturais em relação ao que ele identificou como pós-racionalismo, como hiper-racionalismo do estruturalismo:

O pós-estruturalismo denuncia o estruturalismo como um discurso ainda da razão. Os pós-estruturalistas não buscam mais verdades históricas nem aparentes, essenciais, manifestas ou ocultas. Eles recusam essências originais e fundamentais, que se deveriam reencontrar e coincidir. O universal não é possível. A subjetividade pós-estrutural é antípoda da subjetividade modernista: fragmentada e descentrada, marcada por diferenças e tensões, contradições, ambigüidades, pluralidades, nem sonha mais com a unificação. Não há essência ou finalidade, significado e direção a reencontrar ou realizar. A consciência moderna, a metafísica da subjetividade essencial, construída pelo Iluminismo é desconstruída pelo pós-estruturalismo.⁸

Em sua análise da passagem da história global à história em migalhas, Reis considera que a terceira geração dos *Annales* (a *Nouvelle Histoire*) estaria próxima do pós-estruturalismo, e particularmente de Foucault, embora relativize essa influência ao considerar que, assim como Febvre e Bloch não eram inteiramente iluministas, assim como Braudel não era plenamente estruturalista:

a terceira geração talvez possa ser dita pós-estruturalista, também de forma impura. Sob a influência da antropologia, prefere descrições, narrativas, indivíduos, biografias, excluídos, periféricos, marginais, sexo, bruxarias, mundos históricos micro... Não se busca mais um sentido global para a história e considera-se impossível a integração da consciência em uma totalidade. [...] O pós-estruturalismo da terceira geração ainda traz marcas do estruturalismo e do iluminismo.⁹

Tal análise põe em evidência a importância das obras de Foucault não apenas para o construcionismo da historiografia da erótica grega, mas também para a forma da escrita da história da terceira geração do *Annales*.

⁸ REIS, *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*, p. 73.

⁹ REIS, *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*, p. 80.

Foucault fora um dos que procurou definir o conceito confuso e impreciso de “História Global ou Total”, um conceito fundamental para as duas primeiras gerações dos *Annales*. E nessa tentativa, opôs-se a ele, nos anos 1960, em sua obra **L’archéologie du savoir**.¹⁰ Explorando a idéia de história global, na tentativa de esclarecer o seu significado, Reis vê nessa expressão dois sentidos: “história de tudo” (*micro*) e “história do todo” (*holismo*):

No primeiro sentido, seria a consideração de que tudo é história, não havendo mais regiões interditadas ao historiador; no segundo, seria a ambição de apreender o todo de uma época, seria uma abordagem holística de uma sociedade, o que levaria, talvez, a uma contradição com a história-problema. A história total pode ser compreendida como “tudo” ou “todo” e os textos dos fundadores [dos *Annales*] podem sustentar as duas interpretações.¹¹

Reis constata que a terceira geração não abandonara a idéia de “história de tudo”, mas no tocante à “história do todo”, ao avaliar a influência de Foucault sobre os *Annales*, o autor diz que

Querer conhecer uma época como uma totalidade, sugere Foucault, é presumir sua continuidade, sua estruturação em torno de um princípio unificador. A síntese substitui a análise. A história global, entendida assim, pode estar contaminada pelos pressupostos tradicionais, os de uma coerência, de uma continuidade que levaria ao seu uso ideológico.¹²

Essa história global que os fundadores [dos *Annales*] pretendiam, Foucault alertou os novos *Annales* sobre seu caráter ideológico de busca da consciência de sua continuidade, de sua origem e fim, quando a realidade histórica é feita de descontinuidade e de inconsciência, de começos sem direção dada.¹³

Sendo assim, o pensamento do filósofo francês é uma das bases que alimentou a escrita histórica que lida com a história-fragmentação que vê como falida, impossível, a “história do todo”, embora ainda pratique a “história de tudo”: a pós-moderna História Cultural.

¹⁰ REIS, *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*, p. 85.

¹¹ REIS, *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*, p. 86.

¹² REIS, *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*, p. 87.

¹³ REIS, *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*, p. 89.

Michel de Certeau caracterizou o trabalho de Foucault com a imagem “à beira da falésia”, querendo designar com ela “todas as tentativas intelectuais que, como a nossa, colocam no centro de seu método as relações que mantêm os discursos e as práticas sociais.” Essa posição metafórica, *à beira do vazio*, “permite formular mais seguramente a constatação de crise ou, no mínimo, de incerteza freqüentemente enunciada hoje em dia acerca da história” em relação a diversos elementos que sustentavam a historiografia triunfante: a desconfiança em relação à quantificação; o abandono de recortes clássicos dos objetos históricos; o questionamento de noções como ‘mentalidades’, ‘cultura popular’, etc., de categorias como ‘classes sociais’, ‘classificações socioprofissionais’, etc. e de modelos de interpretação, tais como o estruturalista, o marxista, o demográfico, etc.¹⁴ Descrever uma cultura política homoerótica a partir da complexa interrelação que vem sendo estabelecida, nesses dois últimos séculos, entre o universo discursivo homoerótico e os vários modos do ativismo sócio-político é, certamente, satisfazer essa necessidade da escrita da história proposta por Chartier, a partir de Foucault, de *colocar no centro do método as relações que mantêm os discursos e as práticas sociais*, ao rejeitar os métodos da *historiografia triunfante*.

E “fundar a disciplina [História] em sua dimensão de conhecimento, e de um conhecimento que é diferente daquele fornecido pelas obras de ficção, é de uma certa maneira seguir ao longo da falésia.”¹⁵

Em suas obras, criativas e originais, Foucault, primeiro, analisou os saberes e seus discursos, propondo um método, a *arqueologia do saber*. Como um saber se constitui? Como se organiza? Em que condições ele aparece?¹⁶ Depois, analisou os poderes e suas estratégias. O poder, para Foucault, não é um lugar ou algo que se possui, mas uma prática, uma relação de forças com outras forças. Em seu novo método de investigação, o qual ele chama de *genealogia do poder*, os saberes passam a ter uma função estratégica na rede

¹⁴ CHARTIER, *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*, p. 7-8.

¹⁵ CHARTIER, *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*, p. 17.

¹⁶ Cf. FOUCAULT. *História da loucura na idade clássica; Nascimento da clínica; As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas; Arqueologia do saber*.

e-hum, Belo Horizonte, Vol.4, N.2, pp.21-41 (2011). Editora uniBH

Disponível em: www.unibh.br/revistas/ehum

de dispositivos que constituem o poder.¹⁷ Por fim, ele analisou os modos de subjetivação que nos constituíram em momentos determinados da história moderna ocidental. Assumiu um desconstrutivismo filosófico e avançou, com suas investigações, sobre os saberes e os poderes instituídos e sobre os próprios impasses que suas descobertas lhe colocaram.¹⁸ O reconhecimento dos modos de subjetivação é um dos pressupostos da genealogia foucaultiana, a qual não considera o homem apenas como razão, consciência, “sujeito, mas também como resultado, objeto. [...] O homem não é inteiramente sujeito e livre e a sociedade não é dominada por uma teleologia.”¹⁹

É nessa terceira fase de suas pesquisas, na qual ele chega aos *processos de subjetivação*, que se encontra a contribuição fundamental de Foucault para a abordagem construcionista. Em sua última obra, a trilogia que forma a **História da Sexualidade**, Foucault analisou a constituição dessa categoria, a ‘sexualidade’, nos discursos das instituições e dos saberes da Modernidade.

No volume I, *A vontade de saber*, ele opõe-se à hipótese repressiva e investiga a forma como o sexo não parou de ser estimulado e reverberado pelos discursos produzidos a seu respeito por instituições como a família, a igreja, a escola e o consultório médico, e por saberes como a medicina, a pedagogia, a psicologia e a psiquiatria. Foucault demonstra que, desde o século XVI, e, com maior vigor, a partir do século XIX, a colocação do sexo na ordem dos discursos foi a forma privilegiada de as sociedades modernas produzirem a ‘sexualidade’, tanto a ‘normal’ quanto as ‘desviantes’, sendo a *vontade de saber* sobre o sexo uma peça essencial de uma estratégia de controle do indivíduo e das populações.²⁰

Nos dois volumes seguintes, *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, Foucault chega a uma percepção ao mesmo tempo surpreendente e, de certa forma,

¹⁷ Cf. FOUCAULT. *Vigiar e punir, nascimento da prisão; Microfísica do poder*.

¹⁸ RODRIGUES, Michel Foucault: o Pensamento como Máquina de Guerra, p. 41-42.

¹⁹ REIS, *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*, p. 71.

²⁰ RODRIGUES, Michel Foucault: o Pensamento como Máquina de Guerra, p. 42.

estarrecedora. Sua análise genealógica sobre as questões do saber e do poder lança-o num impasse: se o indivíduo é um efeito do poder, quais as suas possibilidades de singularização e de autonomia diante da sociedade? O poder é relação de forças e se distribui em rede. Dessa forma, não há um lugar do poder e nada está isento de poder. Se não há um lugar do poder, não pode haver um lugar da resistência. As lutas são formas de resistência na própria rede de poderes. Assim como o poder, a resistência se distribui, como uma rede, em pontos móveis e transitórios, em toda a estrutura social. Seria possível ao indivíduo, como produto do poder, resistir ao que o constitui? Portanto, se, por um lado, o poder é uma relação de forças com outras forças, por outro, a subjetivação é uma relação de forças consigo mesmo. A partir dessas conclusões, Foucault, formulando uma *estilística da existência*, tratará das possibilidades de vida capazes de resistir ao poder e de se beneficiar do saber.²¹

Nesse percurso, Foucault despreendeu 'sexualidade' das ciências físicas e biológicas (exatamente como as feministas desprenderam 'gênero' dos fatos do sexo anatômico, do dimorfismo somático) e tratou-a, ao contrário, como o conjunto de efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais por uma certa disposição de uma tecnologia política complexa. Ele divorciou 'sexualidade' de 'natureza' e interpretou-a, ao contrário, como uma produção cultural. A partir desse enfoque, as perguntas que Foucault faz para compreender historicamente a experiência sexual são: Como se constituía a experiência sexual numa dada cultura? Em que termos era construída a experiência sexual? Como a experiência sexual se distinguia de, e se relacionava com, outros tipos de experiências, e como as fronteiras entre esses vários tipos de experiências estavam articuladas? Prazeres e desejos sexuais eram diferentemente configurados para membros diferentes de uma dada sociedade e, se sim, de acordo com quais princípios? Como os termos empregados pelos vários membros dos grupos de seres humanos para organizar suas experiências sexuais operavam conceitual e institucionalmente

²¹ RODRIGUES, Michel Foucault: o Pensamento como Máquina de Guerra, p. 43.

de forma a constituírem os seres humanos enquanto sujeitos da experiência sexual? Quais outras áreas da vida estavam implicadas nessa operação? Como a constituição de sujeitos sexuais relacionava-se com a constituição de outras formas sociais, outras formas de poder e outras formas de saber?²²

Essas perguntas de Foucault recolocam a relação que existe entre identidades, experiências e comportamentos eróticos e a sociedade como um todo, na qual eles estão inscritos e foram constituídos, e levam o filósofo a uma chave analítica para compreender a lógica dessas identidades, experiências e comportamentos: o processo de subjetivação ao qual o indivíduo e os grupos sociais estão sujeitos em sua sociedade. Seguindo a análise de Hall,

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudanças, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.²³

“A história fragmentada é uma adaptação às mudanças histórico-sociais do século XX pós-estruturalista.”²⁴ Quando, em 1976, Foucault recolocava a relação existente entre identidades, experiências e comportamentos eróticos e a sociedade como um todo, ele estava identificando uma das arestas dessa crise promovida pela aceleração das mudanças na contemporaneidade tardia: a sua face erótica, que vem acompanhada pelo deslocamento concomitante de outras identidades culturais: de classe, etnia, raça e nacionalidade. Nessa atmosfera de aceleração da globalização, de descentramento e deslocamentos do sujeito, “tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo”²⁵, veremos, adiante, a tendência à desestruturação, erosão, fragmentação (pluralização) das identificações eróticas representadas pelo par homossexualidade e heterossexualidade, iluminando uma das inúmeras possibilidades de “ ‘jogo de identidades’ e suas conseqüências

²² HALPERIN, *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*, p. 7.

²³ HALL, *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 7.

²⁴ REIS, *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*, p. 78.

²⁵ HALL, *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 9.

políticas”²⁶ entre os sujeitos na sociedade dita pós-moderna. Decerto, todo o processo que levou a essa crise das identidades culturais no mundo moderno e, conseqüentemente, às novas identificações culturais na pós-modernidade, suscitaram no filósofo francês a necessidade de analisar, repensar, o processo de subjetivação ao qual o indivíduo e os grupos sociais estão sujeitos em sua sociedade.

Segundo esse argumento de Foucault, então, na Modernidade ocidental, a experiência sexual é estruturada pela ‘sexualidade’, enquanto um campo discursivo autônomo, constituído por essa mesma Modernidade, que interpreta e organiza a experiência sexual e que constitui e individualiza o ser no nível do ser sexual.

Parece-nos que Foucault, ao apresentar essa tese no primeiro volume da **História da Sexualidade**, na década de 1970, encontrava-se num momento histórico, ainda inicial, responsável pelo recrudescimento dos embates das identidades eróticas desencadeados por todo o simbolismo deflagrado pelo episódio Stonewall de 1969. O filósofo apresentou a construção da sexualidade, *colocando-se “pós” relativamente* à concepção fixa ou essencialista das identidades eróticas.

Halperin, um dos articuladores da abordagem construcionista, em sua obra **One Hundred years of homosexuality**, considera a **História da sexualidade** de Foucault a mais importante contribuição para a história da moralidade ocidental desde a publicação, há mais de cem anos, de **A genealogia da moral** de Nietzsche. No volume *A vontade de saber*, fugindo do modo tradicional de se pensar a sexualidade, Foucault afirma:

Não se deve concebê-la [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a por em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas

²⁶ HALL, *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 20.

à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.²⁷

A partir dessa obra, pesquisas sobre as origens da “sexualidade” requerem que os historiadores façam pelo *desejo* o que Nietzsche fez pelo *bem* e pelo *mal*.

Foucault elabora, consciente e deliberadamente, a tradição “crítica” na filosofia moderna que Nietzsche ajudou a fundar. Uma das características dessa tradição é a prática de tratar a moralidade como um objeto de “suspeita” hermenêutica:

Tanto Nietzsche quanto Foucault, em outras palavras, concebe moralidade não como um conjunto de prescrições formais e explícitas cujo conteúdo pode ser mais ou menos precisamente resumido, mas como um discurso cultural cujos modos de significação revelam as condições sob as quais valores são constituídos enquanto tais.²⁸

A interpretação construcionista, segundo a teoria que David Halperin desenvolveu em **One hundred years of homosexuality**, baseia-se nessa concepção foucaultiana de que subjetividades sexuais são socialmente construídas. Na ‘sexualidade’, a ‘homossexualidade’ e a ‘heterossexualidade’ são categorias construídas no mundo moderno ocidental a partir do século XIX, mediante a polaridade ‘ter relação erótica com pessoa do sexo oposto’ e ‘ter relação erótica com pessoa do mesmo sexo’, responsáveis pela criação de duas subjetividades sexuais *reais*, pretensamente *universais*²⁹, que distinguem profundamente as pessoas. Essas categorias operam, doravante, no sentido de identificar, cada vez mais, o *ser*, ou a totalidade psíquica do indivíduo, com o *ser sexual*.

Halperin investigou o surgimento e a construção da categoria ‘homossexualidade’, o que, aliás, já está proposto no título de sua obra: *Cem*

²⁷ FOUCAULT, *História da sexualidade: a vontade de saber*, p. 100

²⁸ HALPERIN, *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*, p. 62-63.

²⁹ Para essa discussão, ver: COSTA, *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*, p. 13-40. **e-hum**, Belo Horizonte, Vol.4, N.2, pp.21-41 (2011). Editora uniBH
Disponível em: www.unibh.br/revistas/ehum

anos de homossexualidade completados em 1992. Ele pôde identificar a formação dessa orientação sexual³⁰ e verificar que antes do seu surgimento no século XIX, o que existia era *inversão sexual*. *Inversão sexual* referia-se a uma série ampla de ‘comportamentos desviantes de gênero’, entre os quais o ‘desejo erótico por uma pessoa do mesmo sexo’ era somente um aspecto lógico, mas indistinto, ao passo que a ‘homossexualidade’ concentrava seu foco na questão mais específica da ‘escolha de objeto sexual’. A crescente diferenciação entre ‘desejo homossexual’ e ‘comportamentos desviantes de gênero’, na passagem do século XIX para o XX, reflete uma reconceituação maior da natureza da sexualidade humana, sua relação com o gênero e seu papel na definição social dos indivíduos. Em outras palavras, através do século XIX, a preferência sexual por uma pessoa do mesmo sexo não se distinguia claramente de outros tipos de não-conformidade a papéis sexuais culturalmente definidos: “o desvio na escolha de objeto sexual era visto meramente como um dos inúmeros sintomas patológicos exibidos por aqueles que ‘invertiam’ seus papéis sexuais, adotando um estilo masculino ou feminino em contraposição ao que era estimado natural e apropriado ao seu próprio sexo anatômico.”³¹

A separação conceitual da ‘sexualidade’ *per se* das questões de masculinidade e feminilidade tornou possível uma nova taxonomia dos comportamentos e psicologias sexuais inteiramente baseada no sexo anatômico das pessoas envolvidas num ato sexual, isto é, relação erótica ‘entre pessoas do mesmo sexo’ ou ‘entre pessoas de sexo diferente’. O efeito desse processo foi o de obliterar várias distinções que tradicionalmente operavam nos discursos anteriores sobre contatos sexuais entre pessoas de mesmo sexo, as quais diferenciavam radicalmente parceiro sexual ativo de parceiro sexual passivo, papéis sexuais normais de papéis sexuais anormais

³⁰ HALPERIN, *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*, p. 17, diz que a categoria ‘heterossexualidade’ só aparece oito anos depois do surgimento da categoria ‘homossexualidade’. Portanto, o discurso sobre a orientação e a identidade homossexuais prepara o terreno para a construção do discurso sobre a orientação e a identidade heterossexuais.

³¹ HALPERIN, *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*, p. 15-16.

(ou convencionais de não-convencionais), estilo masculino de estilo feminino e pederastia de lesbianismo. Todos esses comportamentos tinham de ser agora classificados igualmente e colocados sob o mesmo definidor comum: as identidades sexuais foram doravante polarizadas pela oposição fundamental definida rigidamente pelo jogo binário compreendido pela semelhança e diferença nos sexos dos parceiros sexuais. A partir de então, as pessoas passavam a pertencer automaticamente a uma ou a outra das categorias 'homossexualidade' e 'heterossexualidade'. Fundada a partir de fenômenos comportamentais "objetivos", "verificáveis" e "positivos", a nova taxonomia sexual pôde reclamar uma validade descritiva e trans-histórica, o que a possibilitou elevar-se às alturas da cientificidade e ser entronada, enquanto um conceito operativo, nas ciências sociais.³²

Identificando a construção cultural da 'sexualidade', Halperin mostra a sua constituição e o seu funcionamento. Em primeiro lugar, a 'sexualidade' define-se como um domínio sexual autônomo dentro do campo maior da natureza psicológica do homem. Segundo, a 'sexualidade' efetua a demarcação e o isolamento conceituais de seu domínio em relação a outras áreas da vida pessoal e social que tradicionalmente trespassavam esse campo, tais como virilidade, intimidade, afeição, paixão, amor, apetite, desejo, para nomear apenas alguns dos velhos requerentes de territórios recentemente reivindicados pela 'sexualidade'. Por fim, a 'sexualidade' gera identidade sexual: ela dota cada um de nós com uma natureza sexual individual, com uma essência pessoal definida, pelo menos em parte, em termos especificamente sexuais.³³

As identidades sexuais concebidas na 'sexualidade' não devem ser confundidas com identidades e papéis femininos e masculinos. Realmente, uma das principais funções conceituais da 'sexualidade' é distinguir, de uma vez por todas, identidade sexual de implicações de gênero, separar tipos de predileção sexual de graus de masculinidade e feminilidade. Isto é

³² HALPERIN, *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*, p. 16.

³³ HALPERIN, *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*, p. 25.

precisamente o que torna a 'sexualidade' estranha para o espírito das culturas mediterrâneas antigas.

Esse enfoque da 'sexualidade', útil como um modo de analisar a erótica no campo da história, é sustentado pela evidência antiga. As tipologias eróticas antigas geralmente derivavam seus critérios para categorizar as pessoas não de sexo, mas de gênero. Os antigos tendiam a interpretar o desejo erótico como normativo se esse desejo impelisse o ator social a se conformar com o seu papel masculino convencionalmente definido, ou como desviante, se o impelisse a violar esse papel.³⁴

Vista desse ângulo, a 'sexualidade' (ou a forma como as identidades eróticas são articuladas e a forma como as experiências eróticas são produzidas na Modernidade ocidental) não é uma característica universal da natureza humana e, conseqüentemente, ela não existe independentemente da cultura. Em última análise, como afirma Halperin, a 'sexualidade'

representa a *apropriação* do corpo humano e de suas zonas erógenas por um discurso ideológico (...) e uma viragem na forma de conceituar, experimentar e institucionalizar a natureza humana, uma viragem que, juntamente com outros desenvolvimentos, marcam a transição para a Modernidade na Europa ocidental e setentrional.³⁵

Robert Padgug, um dos autores nos quais Halperin se baseia para interpretar a categoria 'sexualidade', analisa a conexão entre a moderna interpretação da 'sexualidade' enquanto um domínio autônomo e a construção moderna das identidades sexuais. Esse autor diz que:

a pressuposição mais comum sobre a sexualidade é a de que ela é uma categoria separada da existência (como 'a economia' ou 'o estado', outras esferas da realidade supostamente independentes), quase idêntica com a esfera da vida privada. Tal visão localiza a sexualidade, como uma essência fixa, dentro do indivíduo (...) levando a uma variedade de determinismos psicológicos e, muitas vezes, também, a um determinismo biológico. O efeito disso é elevar as categorias sexuais contemporâneas à condição de categorias

³⁴ HALPERIN, *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*, p. 25.

³⁵ HALPERIN, *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*, p. 25

e-hum, Belo Horizonte, Vol.4, N.2, pp.21-41 (2011). Editora uniBH

Disponível em: www.unibh.br/revistas/ehum

universais, estáticas e permanentes, apropriadas para a análise de todos os seres humanos e de todas as sociedades.³⁶

Um dos grandes avanços da abordagem construcionista foi justamente o de detectar, analisar e denunciar esses determinismos aparentes ao afirmar e demonstrar o convencionalismo cultural da esfera da 'sexualidade' na constituição da Modernidade. Em sua resenha, Verstraete especifica que

As questões levantadas pela antropologia cultural, pela crítica feminista e pelo estruturalismo francês (deste último, Foucault pode ser considerado um notável representante, embora altamente idiossincrático) combinaram-se para criar o conceito de sexualidade, com seus cognatos homo- e heterossexualidade, bastante problemáticos, e este assunto fundamental acha-se confrontado em todas as três coleções: por Halperin em seus dois primeiros capítulos, por Winkler em sua introdução e primeiro capítulo e por Froma Zeitlin em sua introdução ao *Before Sexuality*.³⁷

A abordagem construcionista afirma que o estudo da vida erótica na Antiguidade torna mais visível o comprometimento cultural implicado na categoria 'sexualidade' e suas subcategorias (homossexualidade e heterossexualidade), o que permite a seus autores concluir que essas categorias são formas de vida erótica relativamente recentes e altamente determinadas pela cultura moderna. Destarte, tais identidades sexuais não são válidas para todos os seres humanos em todos os tempos e lugares, mas modos peculiares e excepcionais de conceituar e de experimentar desejos eróticos. As obras da historiografia construcionista recuperam os significados originais de algumas das experiências eróticas na Grécia Antiga e reafirmam a necessidade de não insistir em analisar os documentos gregos através do prisma das categorias sociais e sexuais modernas.³⁸

³⁶ PADGUG *apud* HALPERIN, *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*, cap. 1, nota 49.

³⁷ VERSTRAETE, Reviewed works: *One Hundred Years of Homosexuality and Other Essays on Greek Love* by David M. Halperin; *The Constraints of Desire: The Anthropology of Sex and Gender in Ancient Greece* by John J. Winkler; *Before Sexuality: The construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World* by David M. Halperin; John J. Winkler; Froma I. Zeitlin, p. 290.

³⁸ HALPERIN, *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*, p. 9.

Dessa forma, a interpretação construcionista invalida a aplicabilidade dessas categorias modernas para a análise das experiências eróticas na Grécia Antiga e para a análise de qualquer experiência erótica anterior a, e fora da, Modernidade ocidental. Com sua obra, Halperin aprofunda o debate sobre a articulação entre categorias eróticas e a cultura na qual elas emergem.

Por conseguinte, as experiências eróticas gregas, incluindo a relação *erastés/erómenos*, não eram estruturadas por uma 'sexualidade'. Não há no mundo grego tal concepção de 'sexualidade', a noção de que os seres humanos sejam individualizados no nível de sua 'sexualidade' e de que eles diferem um dos outros em sua 'sexualidade' ou pertencem a tipos diferentes de seres em virtude de sua 'sexualidade'.

As experiências eróticas atenienses, por exemplo, eram estruturadas, fundamentalmente, pelas relações de poder nas quais estavam implicadas imagens culturais expressas por representações coletivas construídas e veiculadas na sociedade ateniense, tais como a imagem da 'masculinidade' e da 'feminilidade', a 'ideologia *hoplites x kínaidos*', a imagem da 'polaridade inframasculina', a 'competição soma-zero' e o 'sistema de moralidade honra-vergonha'. Imagens que compunham uma cultura que chamamos de *falocentrismo*, cuja estruturação erótica identificava e conformava as posições eróticas dos indivíduos com suas posições sócio-políticas na democracia ateniense.

Ninguém na Antiguidade grega sentia ou pensava os desejos eróticos em termos de hetero- ou homossexualidade. Um adulto ateniense, que normalmente era casado, quando sentia desejo por um jovem e praticava com ele um ato erótico, não se debatia entre essas duas possibilidades, simplesmente porque elas não estavam, nos termos de Koselleck, nem em seu *campo de experiência*, nem em seu *horizonte de expectativa*. Na Atenas Clássica, esse desejo e essa prática erótica não feriam nem a masculinidade do adulto nem a integridade moral do jovem. Portanto, na percepção do ateniense, manter um relacionamento erótico com um jovem não significaria

jamais um risco de transpô-los para uma outra identidade ou essência sexual. Significava, apenas, mais uma forma de obter prazer erótico plenamente conciliável, em sua cultura, com a forma matrimonial.

Voltemos a Foucault por mais um instante. Segundo Jeffrey Weeks, historiador e sociólogo britânico, o que encontramos no primeiro volume da **História da Sexualidade** seria uma ressonância, não a revelação daquilo que ficou conhecido como Construcionismo Social. O termo original foucaultiano *dispositif* sugere mais uma disposição histórica: um *insight* importante, mas não um endosso ao que depois será chamado de Construcionismo Social, tal qual ele fora então discutido e elaborado no desenrolar das décadas de 1960/70. As idéias fundamentais do Construcionismo Social já tinham sido elaboradas pelos construcionistas pioneiros antes da publicação, em 1976, do primeiro volume da **História da Sexualidade**. Este primeiro volume fora publicado na França após Weeks finalizar seu primeiro livro sobre a homossexualidade, **Coming Out: homosexual politics in Britain from the nineteenth century to the present**, publicado, então, em 1977, obra que apresenta uma declaração explícita dos argumentos do Construcionismo Social e que só faz uma breve menção à **Madness and Civilization**. Do pensamento de Foucault, nada mais fora mencionado na obra de Weeks. Portanto, segundo Weeks, o início da elaboração do Construcionismo Social pouco deveu a Michel Foucault. *A vontade de saber* surgiu durante uma fermentação intelectual produzida por jovens eruditos altamente influenciados por políticas advindas do campo do feminismo e dos estudos gays e lésbicos que procuravam compreender uma história complexa, um presente fluido e novas possibilidades para o futuro no horizonte da sexualidade.

Mary McIntosh (**The Homosexual Role**, 1968), Randolph Trumbach (**London's Sodomites: Homosexual Behavior and Western Culture in the 18th Century**, 1977), Carrol Smith-Rosenberg (**The Female World of Love and Ritual: Relations between Women in Nineteenth Century America**, 1975), Jonathan Ned Katz (**Gay American History: Lesbians and Gay Men in the USA**, 1976), Judith Walkowitz (**Prostitution and Victorian Society**,

1980), John H. Gagnon e William S. Simon (**Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality**, 1973), Kenneth Plummer (**Sexual Stigma: An Interactionist Account**, 1975) e Alan Bray (**Homosexuality in Renaissance England**, 1982) são alguns dos nomes que tentaram entender a natureza mutante da homossexualidade; mostraram variantes definições e identidades emergentes; mostraram a força das amizades românticas e a fraqueza de definições sexualizadas entre mulheres; exploraram a criação de ‘grupos rejeitados’ entre mulheres; exploraram os processos interacionais e de rotulação através dos quais as identidades foram formadas e organizadas e socialmente construídas e assim por diante.³⁹

Toda essa fermentação intelectual resultou numa abordagem histórica e sociológica da sexualidade, o que abriu um vasto campo para a sua análise crítica, ao poder relacioná-la com outros fenômenos sociais. Do esforço conjunto desse empreendimento intelectual surgiram três questões fundamentais:

Primeiro, como a sexualidade é formada, como ela está articulada com as estruturas econômica, social e política, e como, em uma frase, ela foi inventada? Segundo, como o domínio da sexualidade conquistou tal significado simbólico e organização crítica na cultura ocidental, e por que nós pensamos que ela seja tão importante? Terceiro, que papel devemos designar a divisões de classe e a padrões de dominação masculina e racismo, como sexo se relaciona com gênero e como foi hierarquizado, e qual a relação entre sexo e poder? E percorrendo todas essas questões, ronda uma preocupação recorrente: se a sexualidade é construída por agenciamento humano, em que medida ela pode ser transformada?⁴⁰

Assim, o valor de *A vontade de saber*, desde a sua publicação em 1976 e, especialmente, após a sua tradução para o inglês, em 1978, foi o de tratar muitas dessas questões, não necessariamente de forma direta, mas de um modo que permitiu desenvolvimentos e engajamentos críticos. A obra inaugural da trilogia da **História da Sexualidade** ofereceu um contexto teórico

³⁹ WEEKS, Remembering Foucault, p. 188-189.

⁴⁰ WEEKS, Remembering Foucault, p. 190.

de grande alcance para entender o desenvolvimento dos discursos sexuais modernos e para relacioná-los com considerações mais amplas sobre poder como um modo de constituir uma história do presente, fornecendo um levantamento topológico e geológico do campo de batalha sexual. Dessa forma, Foucault oferecia uma base para a compreensão das questões postas pelos construcionistas pioneiros. O filósofo francês disponibilizou uma cronologia: “o continente da sexualidade pôde ser relacionado à modernidade, em toda sua complexidade. Ele pôde ser relacionado à produtividade do poder, ao surgimento do biopoder”. Foucault ligava a sexualidade ao desenvolvimento do capitalismo.⁴¹ Além disso:

O biopoder não estava ligado somente a uma única estratégia em curso através da história. A discussão de Foucault de quatro unidades estratégicas, ligando um conjunto de práticas e técnicas, providenciou insights para os mecanismos específicos de saber e poder centrados no sexo: histericizando os corpos das mulheres, pedagogizando o sexo das crianças, socializando o comportamento procriativo, psiquiatrizando os prazeres perversos.⁴²

Essa discussão a respeito do lugar e da importância da obra de Michel Foucault num espaço mais amplo de discussão na década de 1970 serve a dois propósitos: mostrar que os debates em torno do Construcionismo Social, no que tange à história da sexualidade, antecederam a essa obra de Foucault e, justamente por isso, pôr em foco essa grande fermentação intelectual em torno da criação dos argumentos do Construcionismo Social às voltas com a história da sexualidade e, especificamente, com um novo momento da história da sensibilidade homoerótica que se abriu a partir do cataclísmico evento *Stonewall*, o que configura, certamente, o espaço e a temporalidade de outra rede de sociabilidade homoerótica constituída pelos que Weeks chamou de *construcionistas pioneiros*. Sendo assim, seria mais prudente referir-se aos historiadores construcionistas como pertencentes a uma nova fase de elaboração dos argumentos do Construcionismo Social, a partir da década de 1980, momento em que se aplica essa abordagem especificamente aos estudos da erótica grega, na esteira do pensamento de Michel Foucault e no

⁴¹ WEEKS, Remembering Foucault, p. 190-191.

⁴² WEEKS, Remembering Foucault, p. 191.

estonteante avolumar das modificações causadas no sujeito e em sua relação com as estruturas sociais na atmosfera pós-moderna.

Referências:

BOSWELL, John. *Christianity, social tolerance and homosexuality: gay people in western Europe from the beginning of the Christian Era to the fourteenth century*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COSTA, Jurandyr Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 6ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 13ª edição, Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 17ª edição, Rio de Janeiro: Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

GOLDHILL, Simon. [untitled] Reviewed work: *Before Sexuality: The construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World* by David M. Halperin; John J. Winkler; Froma I. Zeitlin. *The Classical Review, New Series*, Vol. 41, Nº 1, (1991), pp. 159-161.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALPERIN, David M. Is there a History of Sexuality? In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle Aina; HALPERIN, David M. *The Lesbian and Gay studies reader*. New York, London: Routledge, 1993.

HALPERIN, David M. *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*. New York, London: Routledge, 1990.

HALPERIN, David M.; WINKLER, John J.; ZEITLIN, Froma I. *Before sexuality: the construction of erotic experience in the Greek world*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à análise dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

NIETZSCHE, F. W. *A Genealogia da Moral*. 3ª edição, Lisboa: Guimarães, 1976.

NIETZSCHE, F. W. *Além do Bem e do Mal, ou, prelúdio de uma filosofia do futuro*. São Paulo: Hemus, 1977.

REIS, José Carlos. *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RODRIGUES, Valter. Michel Foucault: o Pensamento como Máquina de Guerra. *Revista Educação*. Número 205. São Paulo: Editora Segmento, p. 40-43, 1998.

VERSTRAETE, Beert C. [untitled] Reviewed works: *One Hundred Years of Homosexuality and Other Essays on Greek Love* by David M. Halperin; *The Constraints of Desire: The Anthropology of Sex and Gender in Ancient Greece* by John J. Winkler; *Before Sexuality: The construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World* by David M. Halperin; John J. Winkler; Froma I. Zeitlin. *Journal of the History of Sexuality*, Vol. 2, nº 2, Special Issue, Part 1: The State, Society, and the Regulation of Sexuality in Modern Europe, (Oct., 1991), pp. 289-293.

WEEKS, Jeffrey. Remembering Foucault. *Journal of the History of Sexuality*. University of Texas Press, Vol. 14, Nos. 1/2, January/April, 2005.

WINKLER, John J. *Las coacciones del deseo: antropología del sexo y el género en la antigua Grecia*. Buenos Aires: Manantial

e-hum, Belo Horizonte, Vol.4, N.2, pp.21-41 (2011). Editora uniBH
Disponível em: www.unibh.br/revistas/ehum